

A Escola de Atenas, o Pensamento Compreensivo e a Comunicação¹

Dimas A. KÜNSCH²
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

A Escola de Atenas completa cinco séculos e, para além de seus múltiplos e complexos significados estéticos, históricos e filosóficos, é estudada, aqui, como metáfora de um pensamento compreensivo aplicado à Comunicação. O uso da metáfora e a opção deliberada pelo ensaio se adequam bem à perspectiva de um pensamento que aponta para sentidos possíveis mais do que para conclusões. Ao deixar gravada, em forma de afresco, sua famosa obra em uma das paredes da biblioteca do papa Júlio II nos primeiros anos do século XVI, o jovem Raffaello Sanzio brinca com o tempo, os personagens e os saberes e propõe uma ampla roda de conversas sobre o conhecimento baixo à proteção dos deuses Apolo e Minerva.

Palavras-chave: Comunicação; teorias da comunicação; pensamento compreensivo; Escola de Atenas; Raffaello Sanzio



FIGURA 1: Escola de Atenas, de Raffaello Sanzio, 1509-1510. 770cmX500cm.

Tinha 21 anos ao chegar a Florença, em 1504, mas a fama de menino prodígio o acompanhava desde a cidade de onde vinha, Urbino, na Itália central. Não tardou a ser comparado aos dois maiores mestres da Alta Renascença, Michelangelo (1475-1564), então

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Email: dimas.kunsch@gmail.com.

com 29 anos, e Leonardo da Vinci (1452-1519), com 52. Raffaello Sanzio teve vida curta. Morreu em 1520, no dia 6 de abril, a mesma data em que se comemorava o trigésimo sétimo aniversário de seu nascimento. Deixou para a posteridade uma obra das mais expressivas do seu tempo.³

O papa Júlio II (1443-1513) fez dele seu protegido, tendo Raffaello continuado a desfrutar dessa condição a partir do momento em que, com a morte de seu protetor, em 1513, Leão X assumiu o papado. Em 1514, foi nomeado arquiteto do Vaticano. Não foi sem alguma ousadia e desejo de apostar nas potencialidades artísticas de Raffaello que o pontífice romano confiou a ele a decoração da *Stanza della Segnatura*, um salão que Júlio II usava como biblioteca e lugar de assinatura dos documentos eclesiásticos. Aliás, a encomenda incluía não uma, mas quatro obras, uma para cada parede, com os temas da filosofia, da teologia, da poesia e do direito.

Porventura daria conta da tarefa o jovem Raffaello, então com 24 para 25 anos, ele que não tinha até o momento experiência em pinturas de tão grande dimensão (quase 8 metros de base por 5 de altura) e na técnica do afresco? Numa grande sala vizinha, Michelangelo, mais famoso que ele, pintava o teto da Capela Sistina.

Deu conta, como se vê, e o fez de forma magistral, atijando a curiosidade de críticos e estudiosos de arte ao longo dos séculos, ocupados com a interpretação de sua obra. Quem de nós sabe o que Raffaello entendia de filosofia antiga? Ter-se-ia deixado inspirar por seu protetor ou talvez tivesse discutido o projeto com ele? Desempenhou algum papel o pensamento neoplatônico de figuras como Marsilio Ficino (1433-1499), um dos ícones do humanismo renascentista, a quem Raffaello conhecia?

Pintada, como se supõe, entre 1509 e 1510, a Escola de Atenas revela uma interpretação muito particular da Academia de Platão. Considerada por muitos a obra-prima do renascentista Raffaello, reúne algumas dezenas de personagens de diferentes épocas e latitudes, em conversação uns com os outros. Ali se encontra, por exemplo, Sócrates (c. 470-399 a.C.) em prosa animada com Alexandre Magno (356-323 a.C.). Na vida real, o primeiro jamais poderia ter-se dirigido ao segundo, que nasceria quatro décadas depois da morte dele.

Mas o que importam essa e outras licenças artísticas do jovem Raffaello? Em sua obra, o senso enorme de harmonia, resultado de grande engenho e arte e de um intenso trabalho de planejamento, detalhe por detalhe, alia-se à “brincadeira”, de que se falava

³ Devo várias das informações desta primeira parte, sobre a obra A Escola de Atenas, a Robert Cumming (1998).

antes, com o tempo. Além disso, muitos dos personagens dessa grande roda de conversas têm o semblante de figuras importantes de sua época, às quais o artista presta suas justas homenagens. Heráclito aparece com as feições de Michelangelo, Platão é Leonardo da Vinci e Euclides, Bramante (1444-1514), um dos mais famosos arquitetos da época, que teria entre suas obras mais famosas, segundo consta, nada menos que o projeto da Basílica de São Pedro.

E eis que, bem ao lado de Ptolomeu, astrônomo e geógrafo do século II, um jovem lança um olhar para fora do quadro, e outro não poderia ser que o próprio Raffaello, que incluiu na obra um retrato de si mesmo: somos nós que o olhamos ou é ele quem nos olha? Sabe-se lá. A irreverência do jovem Raffaello talvez se deixe compreender por aquilo que Goethe (apud CUMMING, 1998, p. 33) parece ter afirmado do artista admirável: ele “sempre conseguia fazer o que os outros ansiavam por fazer”.

Sobre muitos dos personagens discute-se sua identidade, mas há certo consenso de que do grande sarau de sábios participam, além dos nomes já citados, Parmênides, Epicuro, Averrois, Pitágoras, Euclides, Diógenes de Sínope, entre outros, e, com toda pompa, no centro, os dois mais importantes expoentes da filosofia grega clássica, Platão e Aristóteles, um em conversa com o outro – e é para eles que se dirige nosso olhar, protegidos, nós também, nesse ato de olhar, ouvir e, como é possível imaginar, também conversar, pelo deus do Sol e da Luz, da Razão e do Esclarecimento, Apolo, à esquerda, e pela deusa da Sabedoria e da Paz, Minerva, protetora de sábios e artistas. No grande sarau filosófico montado por Raffaello, todos estamos em boa companhia.

Metáfora para uma epistemologia compreensiva

Quaisquer que sejam as interpretações da Escola de Atenas nos universos das artes, da filosofia, da história das ideias e outros, é possível, em diálogo apolíneo-minerviano com essas leituras – o que está fora das preocupações deste texto –, também, tomá-la como metáfora de certa epistemologia do conhecimento a que venho, há alguns anos, denominando compreensiva (KÜNSCH, 2000; 2004; 2005; 2008; 2010).

Idealmente falando, trata-se um pensar de maneira conversacional e dialógica sobre o processo geral de produção de saber. O melhor dos resultados que se espera alcançar é o da comunicação, e isso, em tese, difere do que em geral se entende ou de como se pratica o chamado diálogo de ideias. Este, como a vida ensina, não escapa com muito êxito e

frequência de outro tipo de (falso) diálogo: o de surdos. Simultaneamente proposta e aposta, a compreensão mesma, de fato, nada tem a apresentar de garantia. Mas existe garantia de algo nesse como em outros setores da ação humana? Seus obstáculos, como aponta Morin, “são múltiplos e multiformes”:

Os mais graves são constituídos pela cadeia egocentrismo <-> autojustificação <-> *self-deception*, pelas possessões e pelas reduções, assim como pelo talião e pela vingança – estruturas arraigadas de modo indelével no espírito humano, que ele não pode arrancar, mas que ele pode e deve superar (MORIN, 2011, p. 86).

Crítica em elevado grau ao positivismo que reduz todo conhecimento à ciência e ao brilhantismo de seu método, a epistemologia compreensiva inclui, abraça em sua conversa (recordando-nos do sentido original, latino, de *comprehendere*, que é o de juntar, integrar, e, aqui para nós, de abraçar, no campo proposto da epistemologia e da comunicação) tanto autores quanto teorias, conhecimentos diversos; saberes e ignorâncias que nos vêm tanto do senso comum quanto das ciências, das filosofias como das experiências humanas, das verdades possíveis como dos erros, das certezas poucas e vacilantes⁴ como das incertezas, que, como lembra de novo Morin (2011, p. 69-80), são parte constitutiva do real, da história, da cultura.⁵

A Escola de Atenas, como assinalado, pode com direito ser vista e apreciada na direção e contexto da compreensão, como esta aqui se propõe. É possível talvez ir mais longe e afirmar que se tem diante dos olhos uma imagem plástica, altamente simbólica, e bela – por que não? – daquela “democracia cognitiva” a que se refere diversas vezes Morin (2001). Uma democracia essa, complexa, que reúne conhecimentos de natureza lógica e não lógica, racional e também mítica, científica como artística e literária, engendrada tanto pela explicação quanto pela compreensão, Apolo e Minerva, Platão e Aristóteles, Parmênides e Heráclito – e as dialogias possíveis, quando se persegue o fértil princípio heracliano da

⁴ Uma das melhores imagens para esse tipo de pensamento é o aforismo atribuído a Hipócrates, o pai das artes médicas (c. 460-370 a.C.): “A vida é breve, a arte é longa, o momento oportuno, fugidivo, a prova, vacilante, e o juízo, difícil”. Sobre Hipócrates e sua teoria do conhecimento, de tipo compreensivo, no campo das artes médicas, ver Chauí (2002, p. 145-156).

⁵ Um longo trajeto teórico precisaria ser percorrido, iniciando em Wilhelm Dilthey e avançando para Max Weber, com as distinções que fazem entre *verstehen* e *erklären* (compreender e explicar) no campo das chamadas *Geisteswissenschaften*, até chegarmos a Bourdieu, Morin, Maffesoli e outros teóricos contemporâneos, para uma compreensão mais apurada da compreensão. O tema constitui o objeto de estudo do projeto “A compreensão como método”, desenvolvido entre a Faculdade Cásper Líbero e a Universidade colombiana de Antioquia. Um resumo encontra-se em www.casperlibero.edu.br/mestrado. Esse trajeto é esboçado em partes da obra *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*, de Jean-Claude Kaufmann (2013).

coincidentia oppositorum, lá onde nossa cultura científica ordinariamente prefere o dualismo do certo e do errado, do bem e do mal, da verdade e do erro.

Uma breve visita a alguns dos personagens da obra de Raffaello Sanzio – a escolha de uns, aleatória até certo ponto, não quer representar desprezo pelos outros – tem por objetivo mostrar uma forma possível de se entender isso que se está com alguma pressa afirmando. E pretendo fazê-lo no espaço limitado deste artigo-ensaio, que mais aponta para sentidos possíveis do que para conclusões. Aliás, no bojo deste mesmo propósito, de trabalhar, digamos assim, mais com vírgulas, reticências e interrogações que com pontos finais, mais com talvez que com portanto, com noções mais que com conceitos e definições, esconde-se uma marca, das mais promissoras, do método compreensivo. Afinal de contas, se “a obra é aberta” (Umberto Eco), o é em igual ou maior medida todo pensamento e todo ato interpretativo.⁶

Platão e Aristóteles



FIGURA 2: Platão e Aristóteles. Escola de Atenas, de Raffaello Sanzio, 1509-1510.

Cidadão ateniense discípulo de Sócrates, Platão (c. 428-348 a.C), na obra de Raffaello, carrega sob o braço esquerdo um de seus diálogos, *Timeu*, enquanto mantém o indicador da mão direita apontando para o alto, como para dizer que é de lá, de algum lugar transcendental, para além do campo sensível, que nos vem a possibilidade do conhecimento da verdade, a *aletheia*.

⁶ A obra de Raffaello Sanzio foi objeto do estudo deste autor, numa primeira aproximação, em parte do texto “Teoria compreensiva da comunicação” (KÜNSCH, 2008).

A mensagem parece clara. Fundador da Academia, Platão é o filósofo das ideias eternas, abstratas, imutáveis. Um dos pais do racionalismo antigo com um poder de influência que alcança os nossos dias, para ele, o Mundo dos Sentidos revela o império da *doxa*, do falso conhecimento, da verdadeira escravidão ou mutilação cognitiva. Como bom seguidor das ideias socráticas, conhece o ensinamento do mestre, “isto é, a busca da ideia como essência verdadeira das coisas, para além da multiplicidade das opiniões contrárias e subjetivas” (CHAUÍ, 2002, p. 239).⁷

O mito ou alegoria da caverna, uma das histórias mais conhecidas e citadas da filosofia grega clássica, informa-nos em detalhes sobre a sua teoria do conhecimento. Acorrentados, no escuro da caverna, os filhos da *doxa*, chamemo-los assim, estão de costas para a realidade – ou o que Platão entendia como tal –, contemplando sombras. Vivendo como que no exílio, preferem, aliás, essa situação a outra que não conhecem, ou de que não se lembram, longe como se encontram da filosofia, ou do amor à sabedoria. Acham-se felizes num mundo de simulacros. Ora, de outra forma não se poderia entender a reação deles à mensagem de alguém que, tendo algum dia conseguido escapar da ignorância da caverna e retornado depois para contar aos seus ocupantes que “lá fora” encontra-se o mundo de verdade, é assassinado sumariamente.

O sacrifício que o conhecimento impõe ao filósofo, para Platão, é o da fuga do Mundo dos Sentidos e o da marcha, em sentido inverso – por via da lembrança ou recordação –, rumo à pátria verdadeira, o Mundo das Ideias, onde, um dia, em alguma esfera que não a dos sentidos, a alma humana contemplou a verdade, o bem, a luz. Absolutamente inteligível, racional, o conhecimento, na concepção do fundador da Academia é, também, ao mesmo tempo, um ato erótico. Por amor volta-se às origens, poder-se-ia dizer, como por amor à verdade se morre – porque é claro que Platão, na alegoria da caverna, tem em mente o que aconteceu com seu mestre.

A conversa é entre ele e Aristóteles (384-322 a.C.), o estrangeiro da Macedônia que aos 18 anos se transferiu para Atenas a fim de ingressar na Academia. Ali, permaneceu por vinte anos, até romper intelectualmente com o mestre para fundar o seu Liceu. Platão, na visão do aluno infiel, ousado, crítico, teria dividido o mundo em dois: o dos sentidos e o das ideias. “Nada existe na inteligência humana que não tenha antes passado pelos sentidos” é a

⁷ Para toda essa parte sobre o fundador da Academia, ver “Platão e o nascimento da razão ocidental”, de Chauí (2002, p. 207-327).

frase famosa desse que um dia, lá na corte do rei Filipe onde seu pai trabalhava como médico, foi preceptor de Alexandre Magno.⁸

Aristóteles retoma para o conhecimento o lugar da experiência, do sensível. Na Escola de Atenas, segura com a mão esquerda a obra *Ética*, mantendo a direita espalmada, apontando para o chão. As ideias às quais se referia o mestre Platão originam-se, para ele, desse universo onde a vida acontece, no cotidiano da existência. Mundo da ignorância, para Platão. Mundo da escravidão cognitiva, e, portanto, também ética, segundo o velho mestre.

Qual dos dois tem razão? Ordinária demais, a pergunta não é boa. Ela nos conduz ao território do certo e do errado, ao velho dualismo que constitui uma das marcas, tão fortes, disso que podemos nomear pensamento moderno ocidental. A pergunta trai o espírito compreensivo da obra de Raffaello, que convida os nobres senhores para a conversa.

Na história do pensamento ocidental, o dedo de Platão e a mão espalmada de Aristóteles – metaforicamente falando – deram origem a duas correntes de pensamento, o empirismo e o racionalismo, simplificando bastante. Essa tradição, reconhecidamente, divide, secciona, é de natureza hegemonicamente excludente. Mostra-se incapaz, quando distante do pensamento da compreensão, de ver as razões de um e de outro, de somar, de experimentar complementaridades lá onde o pensamento hierárquico consegue enxergar, apenas, oposições. No limite, a incompreensão gera a violência e a guerra.

Parmênides e Heráclito



FIGURAS 3 e 4: Parmênides e Heráclito. Escola de Atenas, de Raffaello Sanzio, 1509-1510.

⁸ Ver, para a parte referente ao fundador do Liceu, “Aristóteles: a filosofia como totalidade do saber”, de Chauí (2002, p. 328-486).

A propósito, a dúvida filosófica vinha de longe, do tempo ainda dos pré-socráticos, no quinto século antes de Cristo. Parmênides (c. 530-460 a.C.), natural da cidade de Eléia, na Magna Grécia, pensava de um jeito, enquanto o contemporâneo Heráclito (c. 535-475 a.C.), da cidade de Éfeso, na outra ponta do Mediterrâneo, pensava de outro, aparentemente contrário. Numa abordagem mais profunda, haveria muitos pontos em comum a realçar entre esses dois frequentadores da roda de conversas de Raffaello e os dois de que falamos antes, Platão e Aristóteles.⁹

Sem a mesma sofisticação teórica de Platão – o que em parte pode ser injusto dizer, uma vez que pouco se sabe, na verdade, a respeito dos pré-socráticos, sobre os quais não nos restaram mais que uns poucos fragmentos –, Parmênides, num século anterior, opera de algum modo sobre a mesma base de raciocínio que o futuro grande filósofo ateniense. Reflete em termos ontológicos. Toda mudança, no fundo, para ele, é pura ilusão.

Focando com empenho e fervor nas luzes da razão, pensa sobre conceitos e não sobre coisas, sobre ideias eternas, imutáveis, única garantia para o conhecimento seguro. Verdadeiro é o que permanece, e só o conceito torna isso possível. Por que investir tempo e raciocínio com o velho navio que passa, com a madeira que apodrece, com a criança que um dia vira adulta, envelhece e morre? Navio, árvore, homem. Conceitos.

Heráclito, por sua vez, é lembrado na história da filosofia como o que afirmou não ser possível tomar banho duas vezes no mesmo rio. Se, para o Parmênides da Ontologia, tudo permanece, para o Heráclito da Dialética, tudo muda. O devir, a mudança é a lei do mundo, o que torna necessário, de fato, pensar sempre o ser e também seu contrário. Deus, dizia ele, num dos aforismos que chegaram até nós, “é fome e é barriga cheia”. Nascia com ele o princípio da *coincidentia oppositorum*, de que se falou antes, hoje retomado com vigor por defensores de uma epistemologia crítica, complexa e compreensiva, como Morin (2000; 2011), Maffesoli (2007) e outros. O mesmo princípio, entre outros, serve de base também para uma epistemologia compreensiva.

De novo, a pergunta sobre quem tem razão não é a boa pergunta. Também porque, como se sabe a partir da própria experiência, o diálogo entre inovação e manutenção, difícil mas desejável, costuma pertencer, compreensivamente, à ordem da sabedoria. E, por mais que os adeptos ferozes da mudança imaginem a realidade começando sempre do zero, no mundo real, de verdade, não é bem assim que as coisas acontecem. Em suma, vistas as duas

⁹ Sobre Parmênides e Heráclito, ver igualmente Chauí, “Os pré-socráticos” (2002, p.53-128).

posições filosóficas sob o signo da compreensão, não é de todo complicado perceber como Parmênides fala pela boca de Heráclito e vice-versa. Nesse contexto, eu escrevia, em outro lugar, uns anos atrás:

Fértil, o *logos* filosófico sobre cujas bases se constroi o pensamento de Heráclito não avassala nem torna irrelevante o *logos* filosófico de que tão bem se utiliza o seu parceiro, como se deve supor, no mesmo, ingente e multiforme “amor à sabedoria” = filosofia. Enquanto aquele pensa o devir, este pensa o que permanece, com sua mais que legítima preocupação frente à possibilidade, real, de que um conhecimento erigido sobre as bases incertas e flexíveis dos sentidos resulte em pura *doxa*, opinião. Platão e Aristóteles, ao nascerem, um século ou mais que isso depois, estarão em boa companhia (KÜNSCH, 2008, p. 183-184).

Epicuro, o conhecimento e o prazer



FIGURA 5: Epicuro. Escola de Atenas, de Raffaello Sanzio, 1509-1510.

“Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a sabedoria.” O trecho pertence a uma das cartas de Epicuro (2002, p. 21) que chegaram até nós, e nele aparece clara a ligação que o sábio estabelece, tão desejável quanto difícil de se alcançar, entre conhecimento e saúde do espírito, conhecimento e prazer, conhecimento e felicidade.

Sintomaticamente, a representação do conhecimento na obra de Raffaello, a harmonia que ali se deixa perceber, o interesse dos protagonistas e o espírito de amizade reinante parecem dar razão a Epicuro em seu discurso sobre o prazer e a saúde do espírito e

do corpo. O pensador do tempo do helenismo, pós-ocupação macedônica, que teria vivido entre 341 e 270 a.C, continua:

Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. [...] é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la (EPICURO, 2002,p. 22-23).

Epicuro comparece a este nosso texto, como um dos cinco personagens escolhidos para essa breve discussão sobre como a Escola de Atenas pode ser pensada como metáfora para uma epistemologia compreensiva, dialógica, comunicacional, por duas razões principais. Primeiro, como mais uma ilustração da riqueza de vozes que participam da roda de conversas articulada pelo pintor renascentista.

Não constituindo propriamente um dos grandes nomes no cenário do saber filosófico de matriz grega, ao longo dos mais de mil e setecentos anos que o separam do pintor renascentista, Epicuro foi vítima de todo tipo de incompreensão, já no seu tempo, e de verdadeira perseguição, nos tempos do cristianismo, pela incapacidade de uma moral redutora imaginar que o prazer de que falava o filósofo helenista pudesse ser visto, como Epicuro o fazia, distante de uma circunscrição meramente hedonista, ou seja, do prazer pelo prazer.

Não se leu Epicuro, de verdade. Ao retomar e reinterpretar a teoria atômica de Demócrito no sentido da liberdade, e não do determinismo, e nesse contexto afirmar “que o prazer é o início e o fim de uma vida feliz”, o discípulo distante de Sócrates deixa clara a sua percepção de “prazer lúcido”:

Embora o prazer seja o nosso bem primeiro e inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer; há ocasiões em que evitamos muitos prazeres quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advir depois de suportarmos essas dores por muito tempo (EPICURO, 2002, p. 38-39).

Constituindo toda dor um mal, embora “nem todas [as dores] devem ser evitadas”, é sempre conveniente, portanto, “avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos” (EPICURO, 2002, p. 39). Propondo “aos amigos” uma vida simples, sem luxo ou desnecessária abundância, em função da saúde do corpo e do

espírito, Epicuro abomina o “prazer dos intemperantes” (2002, p. 43), para sublinhar o valor da prudência, “que é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa que a própria filosofia”. Assim, “não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça”, e “não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade” (EPICURO, 2002, p. 45).

É dupla a natureza da teoria epicurista, que não separa entre corpo e espírito, razão e sensibilidade: “Aliar razão iluminadora e amor à humanidade, lúcida compreensão dos fenômenos naturais e procura da felicidade terrena, ciência e ética” (PESSANHA, 1992, p. 59).¹⁰ A visão compreensiva do conhecimento e da vida que nos é legada por Epicuro, aliada a uma ética centrada na proposição de que a sabedoria que a filosofia busca é para todos, constitui a segunda razão para a escolha de Epicuro como um dos personagens da Escola de Atenas, no contexto de uma epistemologia da compreensão.

O amor à humanidade, a que se refere Pessanha, assume contornos muito nítidos na filosofia epicurista. Todos – homens, mulheres, crianças, velhos, estrangeiros, escravos..., uma visão inconcebível para a tão louvada democracia ateniense do período anterior à chegada dos macedônios – têm direito a uma vida feliz, mesmo em meio às adversidades, à angústia, ao desespero e à dor. Epicuro ensinava a produzir o remédio necessário, o *tetrapharmakon*: vencer o medo dos deuses, vencer o medo da morte, acreditar que suportar a dor é possível e, ainda, acreditar que é possível alcançar a felicidade.

O “amor aos amigos” é que justifica o aviso assentado na porteira da chácara que o filósofo adquiriu na Atenas pós século de Péricles: “Forasteiro, pode entrar...”.

Justifica, também, as cartas que o sábio escrevia aos amigos, exortando-os a vencer a dor e o medo e a acreditar na vida feliz, cuja possibilidade nos é dada pelo cultivo de uma razão lúcida, da prudência e da “philia”.

Justifica, por fim, que Diógenes, cidadão de Enoanda e professor em Rodes, alguns séculos depois de Epicuro, tenha mandado gravar nas pedras do muro de sua cidade as teses fundamentais da ética epicurista. “Assim, movido pelo amor aos homens, procura partilhar indiscriminadamente os ensinamentos do mestre com qualquer um que passe diante da muralha de Enoanda”, como expõe, na parte inicial da inscrição (PESSANHA, 1992, p. 57).

¹⁰ Em “As delícias do jardim” (1992, p. 57-82), Pessanha apresenta um alentado estudo sobre a filosofia epicurista do saber.

De Epicuro a Buber e Nietzsche

A ética e a epistemologia do conhecimento epicuristas constituem, de fato, um apoio inestimável para o tema da compreensão, como esta vem sendo delineada de forma muito breve neste texto, a partir de uma interpretação de natureza compreensiva da obra *Escola de Atenas*, de Raffaello Sanzio.

A centralidade da relação (comunicação) com os “amigos” (não com um grupo particular de pessoas, os próprios seguidores ou uma seita qualquer), que Epicuro propõe, o aproxima da teoria dialógica de Martin Buber, expressa em *Eu e tu* (2004) e *Do diálogo e do dialógico* (1982). É a relação eu-tu (diferente da relação eu-isso) que nos faz humanos, explicita Buber, um dos autores mais citados no contexto de uma comunicação dialógica e de relevância ímpar para os estudos de uma epistemologia da compreensão.

Desse modo, é como se Epicuro, um dos personagens colocados por Raffaello no sarau apolíneo-minerviano da sabedoria, estivesse ali com a intenção explícita de revelar que aquilo que ele propunha pode ser possível – e note-se que Epicuro, ao reconhecer o lugar da dor e do sofrimento na vida humana, está longe de se apresentar como um autor de livro de autoajuda, daqueles que prometem a felicidade plena em cada esquina. Ele mesmo, aliás, sofreu a vida inteira as fortes dores causadas por cálculos renais, sem contar as dores dos preconceitos de que sempre foi vítima e dos males causados pela ocupação estrangeira. O “signo da relação” e a “pedagogia dos afetos” (MEDINA, 2006), assentes no pensamento epicurista, encontram reforço na obra do pintor renascentista, no sentido daquela “presença”, de que falava Buber, de um Eu face a um Tu, em que o diálogo e a comunicação se dão no “entre” dos sujeitos em interação.

A Escola de Atenas, com a liberdade de espírito com que a estamos contemplando, como metáfora de um pensamento compreensivo aplicado à comunicação, poder-se-ia valer, também, das intuições nietzscheanas sobre a perspectividade de todo conhecimento e o apelo a fugirmos ao reducionismo cognitivo, assumindo a multiperspectividade como missão. A realidade, vista como rede de forças e não, redutivamente, como uma simples relação de causa e efeito, convoca os saberes, os conhecimentos, as disciplinas e indisciplinas, os conceitos, as noções e as teorias para se conversarem, para se comunicarem, marcando um encontro de tipo eu-tu, como isso que a Escola de Atenas a seu modo propõe.

“Quanto maior o número de olhos, de olhos distintos que saibamos empregar para ver uma mesma coisa, mais completo será nosso ‘conceito’ a respeito dela, mais completa será nossa ‘objetividade’”, escreve Nietzsche, em *Genealogia da moral*, num trecho citado por Sousa (2011, p. 19), que, algumas páginas antes de seu *Nietzsche: para uma crítica à ciência*, afirma:

A noção perspectivista em Nietzsche é ampla e, ao mesmo tempo, nos leva a entender que um conhecimento que não se submeta a tantas variáveis de perspectivas, interpretações, não passa de um conhecimento “engessado”, cristalizado ao longo daquilo que o próprio homem chamou de civilização, esquecendo que a própria “civilização” é uma interpretação das forças, uma perspectiva dentre muitas... (SOUSA, 2011, p. 9).

Conclusões provisórias, lembrando Adorno

Em “O ensaio como forma” (1986), que se traduz numa defesa aguerrida da ideia de que conhecimento é algo distinto de ciência e, ao mesmo tempo, do valor, importância e vitalidade do ensaio como forma de produção e de expressão do conhecimento, Adorno, a certa altura, expõe que o ensaio começa onde acha que deve e termina em algum lugar, não exatamente porque se considere não haver nada mais para ser dito. Com algumas nuances, poderíamos considerar ser este o espírito que nos move neste texto, desde as primeiras linhas.

Por que, por exemplo, tratamos de Platão, Aristóteles, Heráclito, Parmênides e Epicuro, e não de outros, como Euclides, Ptolomeu, Averrois, Bramante ou outros quaisquer sujeitos dialogantes no concerto da obra de Raffaello? De resto, também o que dissemos sobre uma epistemologia da compreensão revela, para darmos razão a Nietzsche, uma perspectiva possível, entre outras. A mesma questão se levanta ao final do texto: por que encerrar aqui, e desse modo?

A perspectiva adorniana pode ser deveras interessante nesse contexto. Fora isso, deve ter se tornado claro, ao longo de toda a exposição, que tanto o estudo dessa obra renascentista como de algum modo a própria compreensão da compreensão encontram-se numa fase preliminar de investigação. Mas não tão preliminar assim, a ponto de não se poder reconhecer, na obra como na proposta-aposta em uma epistemologia da compreensão, o seu potencial de rejeição a uma noção e a uma prática cognitiva não dada à conversação, ao diálogo e à comunicação.

E, também, não tão preliminar assim, a ponto de não reconhecer a validade de outras práticas cognitivas, múltiplas, plurais, ao lado das práticas científicas.

Aliás, a obra de Raffaello que o diga.

Referências

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan (Orgs.) **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8ª. edição. São Paulo: Centauro, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1, 2ª. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CUMMING, Robert. A Escola de Atenas. In: **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1998.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (A Meneceu). São Paulo: Unesp, 2002.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis: Vozes, 2013.

KUNSCH, Dimas A. **Maus pensamentos**: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2000.

KUNSCH, Dimas A. **O Eixo da Incompreensão**: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação. Tese de Doutorado. São Paulo, ECA/USP, 2004.

KUNSCH, Dimas A. Compreendo, ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare** 5, n. 1, 1º semestre 2005, p. 43-54.

KÜNSCH, Dimas A. Teoria compreensiva da comunicação. In: KÜNSCH, Dimas A. e BARROS, Laan Mendes de (Orgs.). **Comunicação, saber, arte ou ciência?** Questões de teoria e epistemologia. São Paulo: Plêiade, 2008, p. 173-195.

KÜNSCH, Dimas A. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In: KÜNSCH, Dimas A. e MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**: introdução a uma sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3ª. edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª. edição. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2011.

PESSANHA, José Américo Motta. As delícias do jardim. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57-85.

SOUSA, Mauro Araujo de. **Nietzsche**: para uma crítica à ciência. São Paulo: Paulus, 2011.